

UM GRITO FEMININO E POÉTICO: A MULHER PROSTITUTA EM VINÍCIUS DE MORAES

Mary Nascimento da Silva Leitão ¹

O poeta, a mulher e as teorias

Reconhecido pelos seus clássicos poemas de amor, em sua maioria sonetos, Vinícius de Moraes versificou intensamente em torno da imagem feminina. A mulher esposa, mãe, amante, passante, casta, profana, prostituta, foram temas de diversos textos vinicianos. Cada imagem feminina com suas peculiaridades e porquês de existência no contexto da obra do poeta carioca. Contudo, a imagem que nos interessa neste instante é a da mulher *prostituta*. Ora, é consenso popular que a prostituição é a mais antiga das profissões existentes. Esta talvez seja uma informação discutível, entretanto, a mulher *prostituta* sempre esteve presente em textos históricos e literários desde a Antiguidade, quando as cidadãs romanas que enveredavam por este caminho eram relegadas a uma posição inferior, sendo impedidas de usar o manto das matronas. Além delas, sabemos do exemplo das escravas, as quais eram destinadas a procriar ou servir como objeto de prazer de seus amos (ROUSSELLE, 1990, p.370 e 380). Durante a Idade Média os bordéis e as casas de banho tornaram-se comuns. Só com o advento do cristianismo esses ambientes foram considerados doentios, propagadores de lepra, fama propícia para afastar os homens do pecado, visto que a maioria deles constantemente visitava o referido ambiente.

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Instituto Federal de Juazeiro do Norte. Pesquisadora do GERLIC.

Em cada época uma nova roupagem. Mulher pública, mulher secreta, cunhã, cortesã, mulher da vida, garota-de-programa, enfim, diferentes termos para designar uma mesma profissional que trocava (e ainda troca) seu corpo por dinheiro, jóias, bens, alimentos. Essa imagem se destacou em muitas obras literárias clássicas. Quem não recorda o romance *A dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, no qual se narra a história de uma cortesã do século XIX? E *Lucíola*, de José de Alencar? E a personagem Pombinha, que ganhou destaque em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo? E já no século XX, não temos o célebre exemplo de *Tieta do Agreste*, romance da lavra de Jorge Amado? Segundo V. A. Figueiredo:

Sem dúvida interessa à Literatura a sensualidade impressa na figura da prostituta. Muito além da imagem de mulher sempre disposta a doar prazer, existe a sensação erótica do convite, da sedução, da procura. No imaginário masculino a prostituta coloca-se tal qual uma serva capaz de desejos sexuais incontroláveis que a impulsionam a realizar as mais diversas fantasias eróticas. (FIGUEIREDO, 2005, p.1)

Refletindo e analisando esses aspectos da representação da prostituta em textos literários e históricos, faremos a devida relação dessa figura que surge nos textos de Vinícius com outras imagens presentes em textos de épocas remotas. Para isso, teremos como apoio a *Teoria da Residualidade*, bem como a do *Imaginário Social*. A primeira diz respeito aos diversos *resíduos* que remanescem de uma cultura, em outra posterior e que, nesta, continuam vivos fazendo parte de sua essência. Esses *resíduos* são traços da *mentalidade*² de uma época remota que permaneceram em uma posterior através de um processo de *cristalização*, ou

2 Baseado no conceito abordado por Georgy Duby em *Reflexões sobre a história das mentalidades*.

seja, foram modificados a partir das influências das culturas, sociedades e das pessoas que com eles estiveram em contato durante esse percurso. É dessa forma que uma cultura torna-se *híbrida*. Afinal, a cultura recebe constante influência de diversas outras ao longo da construção da história. A segunda teoria abordada se refere ao conjunto de relações imagéticas presentes na memória de uma comunidade e/ou sociedade.

O imaginário é um campo fértil para o debate nas ciências humanas. É igualmente um campo de estudos em constante crescimento, interligado à História das Mentalidades e à História Cultural. [...] trabalhar com o imaginário das sociedades passadas é se aproximar mais do cotidiano das pessoas em outros tempos, é torná-las mais reais, mais próximas de nós, ao percebermos, por exemplo, que eram indivíduos com medos, angústias, anseios, desejos, sonhos, etc. (SILVA & SILVA, 2009, p. 217)

Dessa forma, notaremos o quão difícil é separar os conceitos de *imaginário* e *mentalidade*, fato que justifica o uso das duas teorias citadas anteriormente, já que a da *residualidade* parte da ideia de *mentalidade*.

Uma análise residual

A obra de Vinícius de Moraes é residual. Isto se comprova quando aprofundamos os estudos acerca dos elementos místicos e espirituais presentes em sua primeira fase, nos quais encontramos resíduos bíblicos. Além disso, sua preferência por sonetos mostra claramente o desejo de “refundir um espírito novo às formas velhas” (COHN & CAMPOS, 2007, p. 9). Contudo, embora tivéssemos muito que explicar acerca desses *resíduos*, nos interessa na obra do poeta a imagem da mulher representada, mais especificamente, a imagem da prostituta.

Vimos que na literatura é comum a exploração da sensualidade da “mulher cortesã” e na poesia de Vinícius de Moraes não poderia ser diferente. Entretanto, além dessa exposição dos encantos femininos, há certa dose de compadecimento social:

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas
[vagabundas
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo,
[com o veneno.
(MORAES, 2008, p.296)

Como numa oração, o poeta carioca clama por piedade. Dentre todas as suas solicitações, lembra-se da mulher que se vende barato e ainda coloca em evidência sua relação com o ser masculino, neste caso, responsável por sua destruição. O referido trecho está inserido numa fase *intermediária* do autor, na qual seus poemas passam de transcendentalistas, idealistas, angustiantes³ a conscientes socialmente, participantes, realistas, segundo Pedro Lyra (1983, p. 17-25). A primeira fase do autor é caracterizada “pelo verso longo, pelo tom encantatório, pela idealização da mulher, pela ânsia do sublime, pelo amor platonizado, pela linguagem solene, pelas imagens alegorizantes e pelo fundo místico de sua concepção de vida” (LYRA, 1983, p. 19). A última fase apresenta uma poesia disciplinada, o uso intenso do soneto, presença da mulher desidealizada e o confronto com a realidade social. Dessa forma, por fazer parte desse *intermezzo* da produção vinicianiana, o trecho do poema citado tanto apresenta traços místicos, cheios de religiosidade, quanto aspectos sociais, preocupação com o que é terreno e com os elementos do cotidiano.

Como já foi dito, esse compadecimento do *eu lírico*, em relação às personagens prostitutas em Vinícius de Moraes, é o que mais nos

3 Referimo-nos ao conflito entre sagrado e profano, entre os desejos da carne e as necessidades da alma.

interessa neste trabalho. A ideia de piedade recorda-nos, em primeira instância, alguns trechos bíblicos, dentre os quais a narrativa em que Jesus fazia uma refeição na casa de um fariseu quando entra na sala uma mulher pecadora levando-Lhe um frasco de alabastro com perfume e assim procede segundo o relato do texto sagrado:

a mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos, cobria-os de beijos, e os ungiu com perfume. Vendo isso, o fariseu que havia convidado Jesus ficou pensando: 'Se esse homem fosse mesmo profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora (Lc 7, 38)⁴.

Jesus, em resposta ao pensamento do fariseu, fez o seguinte questionamento: "certo credor tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro lhe devia cinquenta. Como não tivessem com que pagar o homem perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?" (Lc 7, 41-42). O fariseu respondeu, logicamente, que era aquele a quem ele perdoou mais. Jesus concordou com a resposta, virou-se para a mulher e disse a Simão:

Está vendo essa mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar os pés; ela, porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. Você não me deu o beijo de saudação; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. Por essa razão, eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor. E Jesus disse à mulher: seus pecados estão perdoados. (Lc 7, 44b-48)

4 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 1990.

Essa narrativa é apenas um dos vários exemplos de piedade demonstrada por Jesus Cristo ao longo do *Novo Testamento*. A mulher pecadora, dentro desse contexto bíblico, é a mesma mulher *prostituta* percebida na elegia de Vinícius. Trata-se de uma representante da classe feminina pecadora, merecedora do perdão divino. A essência, o rastro, o *resíduo* que permanece na personagem “mulher da vida” do poema é, além do aspecto social, o tom de oração nele presente que faz do poema um texto religioso; contudo, o elemento cristão não está só na forma, mas na reflexão suscitada pela ideia de perdão presente no texto bíblico e resgatado na *Elegia Desesperada*.

O tom religioso continua em outro poema intitulado *Balada do Mangue*, o qual já não faz parte da fase *intermediária* do poeta, mas da *participante*. Entretanto, esse tom surge de forma bem mais leve, uma característica dessa nova fase:

Pobres flores gonocócicas
 Que à noite despetalais
 As vossas pétalas tóxicas!
 Pobre de vós, pensas, murchas
 Orquídeas do despudor
 Não sois Lœlia tenebrosa
 Nem sois Vanda tricolor:
 Sois frágeis, desmilinguidas
 Dálias cortadas ao pé
 Corolas descoloridas
 Enclausuradas sem fé,
 Ah, jovens putas das tardes
 O que vos aconteceu
 Para assim envenenardes
 O pólen que Deus vos deu?
 No entanto crispais sorrisos
 Em vossas jaulas acesas
 Mostrando o rubro das presas
 Falando coisas do amor
 E às vezes cantais uivando
 Como cadelas à lua

Que em vossa rua sem nome
Rola perdida no céu...
Mas que brilho mau de estrela
Em vossos olhos lilases
Percebo quando, falazes,
Fazeis rapazes entrar!
Sinto então nos vossos sexos
Formarem-se imediatos
Os venenos putrefatos
Com que os envenenar
Ó misericordiosas!
Glabras, glúteas caftinas
Embebidas em jasmim
Jogando cantos felizes
Em perspectivas sem fim
(MORAES, 2008, p.333)

Principiando o poema encontramos um epíteto extremamente inquietante que se refere às *prostitutas*: flores gonocócicas. A alusão é feita diretamente a uma doença sexualmente transmissível chamada gonorreia. Desse modo, os versos seguintes vão se construindo a partir da ideia nele mencionada, a por em relevo o sofrimento das mulheres prostitutas, sobretudo das jovens, que têm seus corpos suscetíveis a doenças e maus tratos. Junto ao questionamento acerca da destruição daquilo que Deus concedeu ao gênero feminino, temos metáforas que comparam a prostituta a animais irracionais e sugerem que de seu corpo brota veneno. Tudo, na realidade, é feito para acentuar o sentimento contido no poema: o de compadecimento, de solidariedade. Termos como glabras⁵, glúteas⁶, e caftinas⁷, isolados, constroem seus sentidos específicos; mas em conjunto, segundo Pedro Lyra (1983, p.85), sugerem o coito anal. O poeta finalizará o texto dizendo:

5 Sem pelo, princípio da adolescência.

6 Referente às nádegas.

7 Mulher que explora a prostituição. Associado aos dois adjetivos anteriores, o termo sugere o coito anal entre os jovens.

Por que não vos trucidais
 Ó inimigas? ou bem
 Não ateais fogo às vestes
 E vos lançais como tochas
 Contra esses homens de nada
 Nessa terra de ninguém!

(MORAES, 2008, p.334)

“Balada do Mangue” procura descrever o modelo de prostituição de determinado sítio erótico do Rio de Janeiro. Fazendo parte da tentativa de busca do prosaico, este poema é, segundo Antonio Candido (2001), um dos mais bonitos da literatura brasileira. Escrito em 1940 e incluído em *Poemas, Sonetos e Baladas*, representa um momento da época em que as mulheres prostituídas, em sua maioria, eram francesas e polonesas. Expostas em casas na região do lugar chamado Mangue, atraíam ou aguardavam seus clientes (Candido, 2001) naquela conhecida zona de meretrício do Rio de Janeiro.

O problema da *prostituição* é exposto de maneira aparentemente comedida desde o início do poema. As mulheres representadas nos versos, que vivenciam essa tragédia, são comparadas a pétalas e flores ora murchas, ora venenosas que, aos poucos, se transformam em tochas. De acordo com Antônio Candido, esse poema corresponde a um “traço peculiar da obra de Vinicius: construir a expressão violenta a partir de uma serenidade debaixo da qual podem crepitar a dor e a indignação” (CANDIDO, 2001, p.01). O tema era ousado demais para a época. Entretanto, esse compadecimento não terminou por aí. Em obra posterior, *Novos Poemas II*, a temática é retomada em “Balada das duas mocinhas de Botafogo”. Nele mais uma vez a imagem da prostituta é construída como resultado de uma situação social precária. Trata-se da história de duas irmãs, Marília e Marina, que não encontraram outra solução para sobreviver a não ser o *prostituir-se*:

O nome ilustre que tinham
De um pai desaparecido
Nelas deixara a evidência
De tempos mais bem vividos.
A mãe pertencia à classe
Das largadas de marido
Seus oito lustros de vida
Davam a impressão de mais cinco.
Sofria muito de asma
E da desgraça das filhas
Que, posto boas meninas
Eram tão desprotegidas
E por total abandono
Davam mais do que galinhas.

(MORAES, 2008, p. 453)

Pedro Lyra afirma que “o sarcasmo da expressão de Vinícius (galinhas, mulher grátis, etc.) não se dirige contra as vítimas, mas contra a situação existencial a que elas foram arrastadas” (LYRA, 1983, p.120). Essa linguagem aparentemente despudorada é característica da fase *participante* de Vinícius:

Ter duas filhas assim
Que nada tendo a ofertar
Em troca de uma saída
Dão tudo o que têm aos homens:
A mão, o sexo, o ouvido
E até mesmo, quando instadas
Outras flores do organismo.

(MORAES, 2008, p.453)

A imagem transmitida pelo poeta é a da pessoa refém de suas dificuldades sociais e econômicas que, sem ter aptidões para buscar outra forma de sobrevivência mercadeja aquilo que tem de imediato para sobreviver: o próprio corpo. Podemos dizer que a prostituta representa uma sociedade precária, muito embora possa ser apresentada ao leitor

sob diferentes formas e segundo a *mentalidade* da época. Charles Baudelaire também trata da mulher cortesã no poema “Mulheres malditas”:

Ó monstros, ó vestais, ó mártires sombrias,
Espíritos nos quais o real sucumbe aos mitos,
Vós que buscais o além, na prece e nas orgias,
Ora cheias de pranto, ora cheias de gritos

Vós que minha alma perseguiu em vosso inferno,
Pobres irmãs, eu vos renego e vos aceito,
Por vossa triste dor, vosso desejo eterno,
Pelas urnas de amor que inundam vosso peito!

(BAUDELAIRE, 1985, p. 181)

O poema de Baudelaire diz respeito justamente às mal faladas criaturas que a sociedade discrimina. O poeta se compadece dessa categoria de mulheres, chegando mesmo a chamá-las de irmãs. Além da presença da ambiguidade textual que faz dessa mulher monstro e mártir, podemos constatar a referência a elementos divinos e/ou sobrenaturais como espíritos, alma, inferno, eterno, enfim, aspectos, que na obra de Vinícius de Moraes poderíamos chamar de religiosos. Ao considerar o ser feminino, ao mesmo tempo, monstro e vítima, Baudelaire revela seu compadecimento com essa parcela da humanidade, trazendo à tona uma discussão social que reflete a própria natureza humana no contexto capitalista. O trecho acima, repleto de expressões proporcionadoras de duplo sentido, nos lembra o dualismo barroco, onde a disputa entre sagrado e profano era constante. Eis aí outro aspecto também característico da primeira fase do poeta carioca. Comprova-se aqui que o social não se aparta da literatura; pelo contrário, esta tem no real sua razão de ser, como se pode inferir dos versos abaixo:

Para ter sapatos, ela vendeu sua alma;
Mas o bom Deus riria se, perto dessa infame,
Eu bancasse o Tartufo e fingisse altivez,
Eu, que vendo o meu pensamento e quero ser autor .
(BAUDELAIRE, 1985, p. 181)

A ideia de compadecimento também está presente na comparação que o poeta faz com seu próprio ofício. Assim como as mulheres vendem seus corpos e almas, o poeta vende seus pensamentos.

Considerações finais

Portanto, classificar o poeta carioca exclusivamente como moderno é incorreto, quando sabemos como é esteticamente multifacetada sua obra. E não nos reportamos apenas a essas relações com outras épocas. Na verdade, lembramo-nos das diversas temáticas utilizadas em seus poemas, que facilmente se explicam quando tomamos por base as palavras de Antonio Candido:

Infância na praia, familiaridade com as coisas do mar, geografia fantástica do corpo feminino dissolvida na sua história pessoal, procura do sentido da vida, infinita paciência e compreensão do outro, experiência com a palavra no limite constante em que ela parece dissolver-se noutra coisa, milagrosa capacidade de achados, malabarismo que na verdade é encarnação do necessário, superação de qualquer preconceito que separe verso e prosa. Vinicius diverso e sempre o mesmo (CANDIDO, 2008, p. 122).

Uma obra como a do poeta carioca precisa ser perpetuada. E um passo a mais para que isso se torne possível ocorre quando sua produção é investigada à luz de “novas” teorias como as aqui priorizadas.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*, 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulus, São Paulo: 1990.
- CANDIDO, Antonio. "Cultura: um poema de Vinicius de Moraes". In: Portal da Fundação Perseu Abramo: www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.
- _____. [Vinicius de Moraes]. In: MORAES, Vinicius. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- COHN, Sergio & CAMPOS, Simone [Org.]. Vinicius de Moraes – Encontros [Apresentação]. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.
- FIGUEIREDO, V. A. "Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Teresa Batista cansada de guerra". Revista Garrafa, v.7, set./dez. 2005.
- GRUNNEWALD, José Lino. *A idéia do cinema*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- LYRA, Pedro (Org.). *Vinicius de Moraes/Poesia (1913-1980)*; Rio de Janeiro: Agir, 1983. (Coleção Novos Clássicos, v. 109).
- MORAES, Vinicius. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Rio de Janeiro/Fortaleza: Oficina do Autor/Edições UFC. 1999.
- ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Trad. de Cláudia Schilling, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROUSSELE, A. "A política dos corpos: entre a procriação e continência em Roma". In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres (Antiguidade)*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 353.
- SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de termos históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.